

# RECENSÕES

## ARQUITETURA

MOREIRA, Paulo (Ed.)  
*APRENDER A DESAPRENDER.*  
*DIÁLOGOS*  
*PARA A DESCOLONIZAÇÃO*  
*DA ARQUITECTURA*

156 PÁGS., DAFNE, 2024 (20€)

Neste livro de diálogos, embora o passado seja palavra fundamental, nada é antigo.

As possibilidades de aproximação a uma ideia de descolonização da arquitetura ainda se traduzem em gestos iniciais. A profundidade com que o tema é tratado — nos *media*, na cultura e na própria academia — demonstra isso. Em Portugal, vemos um movimento lento em direção a esses debates: concursos para memoriais da escravatura, menções a reparações, reconhecimentos. Mas quem já debateu a fundo a ideia de descolonizar a arquitetura? E como é que se começa a conversar?

A partir da pesquisa de doutoramento de Paulo Moreira e de residências e criações artísticas estabelecidas no espaço cultural Instituto, criado por ele no Porto em 2018, surgiram os seis diálogos que se apresentam em *Aprender a desaprender*. O título, perfeitamente adequado ao tema e à maneira como é abordado, tem inspiração em *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, de bell hooks, livro seminal para lançar luzes em novas abordagens de pensamento.

Porém, *Aprender a desaprender* é tudo menos teórico. O traço comum que perpassa os diálogos é a ação: fazer, pensar, criar, imaginar, investigar. Nas seis conversas, aprendemos sobre possibilidades práticas de usar o passado para reformular o futuro. O que não quer dizer que os artistas e arquitetos que lemos nos queiram ensinar lições, antes pelo contrário: as reflexões são generosas, oferecem-nos

uma cumplicidade de pensamento, tendo eles já percorrido um caminho possivelmente mais longo do que a imensa maioria dos potenciais leitores.

São múltiplas as razões que explicam tal facto. Uma delas é geracional: com exceção do arquiteto nigeriano Demas Nwoko (1935), todos nasceram nas décadas de 1980 e 1990, muitos fora de África. Cresceram no período pós-colonial, fora dos países de origem ou de ascendência, e são parte de uma geração que pôde ter distanciamento temporal mínimo para perceber a História e formar um espírito crítico que mirasse um campo de ação concreto para o aplicar. Partem do princípio de que a arquitetura é inerentemente política, não apenas pelos conceitos que fundaram o modernismo, mas pelo que pode representar de narrativa emancipatória. Desde soluções não importadas de climas temperados e que não atendem às realidades tropicais (citadas, por exemplo, por Demas Nwoko em *A importância da transmissão*, última conversa do livro) até à noção da autoconstrução (os também chamados “assentamentos informais”) como consequências materiais, concretas, visíveis, da colonização (mencionados por Thaís Andrade em *A utopia do colonizador*), a falta de políticas para uma arquitetura que atenda de fato às necessidades e as realidades desses países é debatida sob diferentes olhares e experiências.

A diáspora africana atravessa todas as conversas, e o triângulo Portugal — África (sobretudo Namíbia, Angola e Cabo Verde) — Brasil compõe o perímetro de ação principal das práticas. Ao conjugar realidades distintas mas unidas pelo passado colonial, e trazer Portugal (em especial a cidade do Porto) à discussão, podemos ter uma noção do quanto há de comum entre as ideias.

A aparente simplicidade da conversa entre Thaís Andrade e Natache Sylvia Ilonga contrasta com a delicada sofisticação do pensamento que apresentam em *A utopia do colonizador*, um dos mais ricos diálogos do livro. Oleada pelo particular entrosamento entre as duas, provavelmente consequência da experiência comum no

Instituto e na descoberta do Porto como cidade (Thaís é de Cabo Verde e Natache da Namíbia), a conversa envolve o leitor por caminhos de reflexão inteligentes e sensíveis.

Particularmente interessante é perceber como as histórias e as práticas artísticas individuais muitas vezes marcam a gênese das experiências, em iniciativas de buscas e processos profissionais de quase todos esses artistas e arquitetos, e que acabam por depois levar à formação ou ligação a coletivos.

Um começo ligado ao passado, ao desejo de transformar e de criar uma memória e uma narrativa ao que ficou perdido, como no caso da brasileira Gabriela Leandro Pereira (Gaia), cujo trabalho *Herança + O Fabuloso Inventário das Obras do Meu Avô*, exposto na XIII Bienal de Arquitetura de São Paulo, em 2022, deu origem a um grupo de investigação na academia. A intenção de retornar o trabalho às regiões de onde vêm, de devolver, levar ou consolidar um saber à comunidade reforça o elo temporal que dá sentido a essas práticas, um movimento distinto da maior parte das experiências europeias.

— Maria Mendes